

THE BRAZILIAN ACADEMIC CAPITALISM E A RESILIÊNCIA DO MERCADO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Alisson Slider do Nascimento de Paula
Bolsista Produtividade em pesquisa (BPI/FUNCAP)
Centro Universitário Inta – UNINTA
E-mail: alisson.slider@yahoo.com

Introdução

O texto objetiva analisar as implicações das crises econômicas, com o suplemento da crise da pandemia da Covid-19 para a lógica da educação superior, mormente no que tange ao capitalismo acadêmico que é irradiado no Brasil e suas decorrentes implicações para o conhecimento científico que em uma formação social periférica, de capitalismo dependente, o conhecimento adquire roupagem de matéria prima e incorpora teor de *commodities*.

O roteiro metodológico corresponderá a um estudo documental que buscará em documentos específicos às conotações para as diretrizes para a educação superior brasileira. Além disso, usaremos uma revisão de literatura para apoiar a análise do discurso. As bases de dados utilizadas serão: Scielo, ERIC e Portal Periódicos Capes. É lícito salientar que usar-se-á apenas textos de domínio público. Os critérios de inclusão e exclusão corresponderão à pertinência do tema deste texto. Portanto, é um estudo crucial e necessário para a política de educação superior brasileira no contexto de crise.

O capitalismo acadêmico brasileiro no cenário de crise

O conceito de capitalismo acadêmico emerge nos estudos de Sheila Slaughter e Larry L. Leslie, em sua obra intitulada “*Academic capitalism: policies, and the entrepreneurial University*” (1997), a obra se debruça nos marcos da realidade da universidade norte-americana, apontando a reorganização das atividades e práticas rotineiras das universidades em busca de lucratividade. Em acréscimo, é destacado que as instituições de ensino superior se habilitaram em comercializar suas produções científicas.

É lícito ressaltar que o termo capitalismo acadêmico é utilizado para expor a forma pela qual as universidades públicas estavam se adequando às demandas neoliberais em tratar política de educação superior como política econômica. Muito se avançou nas análises acerca do capitalismo acadêmico, uma vez que houve a necessidade de desvelar as condicionalidades do

mercado no contexto da financeirização do capital bem como seus desdobramentos na particularidade local.

Nesse panorama, o capital mundializado orienta a *New American University*, tendo em vista que a produção do conhecimento deve ser voltada para comercialização e competitividade, isto é, explicitando o caráter utilitário do conhecimento. Em decorrência da Divisão Acadêmica do Trabalho, os processos e produtos de alto valor agregado têm condicionado a operacionalidade das universidades em escola global. Esse contexto se centra na lógica da predominância financeirizada que torna exequível vantagens aos Estados nacionais do centro capitalista. A concepção de universidade, nos EUA, trata da universidade de classe mundial, na qual sua disseminação lhe é de fundamental e estratégico interesse, podendo fazê-lo por meio das instituições mundiais em face da atual geopolítica mundial que confere a este país posição privilegiada. Com isso, o tipo de conhecimento que as universidades deste modelo produzem é voltado para a economia mundializada.

Quando lançamos olhos para a realidade do Brasil, o capitalismo acadêmico parte para a lógica da atuação das instituições privadas e de sua articulação direta com o capital fictício, tendo em vista que se trata da lógica da predominância financeira e que há uma diversificação das fontes de manutenção que atuam na relação Estado e estas instituições, consolidando, dessa maneira, um verdadeiro empresariamento educacional que está diretamente vinculado com o capitalismo acadêmico em decorrência da mundialização do capital de predominância financeirizada. No limite, o capitalismo acadêmico é um setor constituído por formas funcionais de capital.

Compreende-se que o capital opera dentro de uma lógica global. No Brasil, esse processo possui características próprias de sua particularidade capitalista decorrente da Divisão Internacional do Trabalho, nessa acepção, portanto, denominamos o processo de mercadorização, nas nações periféricas, de commodificação.

A inserção de fundos de *private equity*, a expansão dos grandes conglomerados educacionais, as aquisições, fusões e *joint ventures* expressam a financeirização da educação superior brasileira. No limite, “uma única associação de fundos de investimentos, agrupando os grupos Kroton, Anhanguera e Estácio possuirá 1,5 milhão de estudantes, 400 mil a mais que todas as 63 universidades federais juntas” (LEHER; VITTORIA; MOTTA, 2017, p. 21).

Com a pandemia da Covid-19 uma nova configuração é irradiada a partir de plataformas e valorização financeira de Empresas de Tecnologia Educacional, conhecidas como EdTechs. Este cenário expressa uma conjuntura que metamorfoseia o *modus operandi* da educação

superior global, em especial dos países subdesenvolvidos, aqui dando ênfase a particularidade brasileira.

O documento do Colemarx (2020, p. 13) ressalta que há uma coalização global envolvendo setores empresariais e governos, e que esta coalização é liderada pela UNESCO e envolve outras agências multilaterais, além de grupos empresariais como “Microsoft, Google, Facebook, Zoom, Moodle, Huawei, Tony Blair Institute for Global Change, Fundação Telefônica e outros”. Os recursos mais utilizados no panorama educacional durante a pandemias partem dessa coalização: “Google, Google classroom, Google suíte, Google Hangout, Google Meet, Facebook, Microsoft one note, Microsoft, Google Drive/Microsoft Teams, Moodle, Zoom, Youtube”.

As EdTechs constituem um campo de corporação multibilionária, e atores corporativos como Google, Microsoft e Apple estão no epicentro. Moeller (2020, p. 6) assevera que “Google, Microsoft e Apple estão lutando pelo domínio nas salas de aula. Todos querem que seus dispositivos estejam nas mãos da próxima geração de consumidores”. É um nicho mercadológico valioso para ser dominado. A rigor, como empresa, as EdTechs, em 2019, atingiram um valor de US \$ 43 bilhões, sendo que aproximadamente metade deste valor está na educação básica.

Com efeito, se olharmos para a movimentação das ações no período de quinze de abril a quatorze de maio na Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA) verificamos uma queda nas ações das duas maiores *holdings* S/A do setor da educação, a Cogna Educacional (COGN3 - 24,18) e a YDUQS (YDUQ3 -20,52%), todavia, três das empresas que fornecem os recursos educacionais para operacionalizarem o ensino remoto no período pandêmico obtiveram valorização de suas ações, consoante o índice NASDAQ, a empresa *Zoom Video Communications* (ZM 10,79%), *Alphabet Inc.* (GOOGL 7,92%) e Microsoft (MSFT 5,03%) expressam essa valorização de capital.

Considerações finais

Os setores privados-mercantis apontam para o crescimento das tecnologias educacionais, visto que no Brasil consta um crescimento com mais de 400 EdTechs. Com efeito, os apontamentos para o *brazilian academic capitalism* são que a partir da Covid-19 governos e instituições incorporem o modelo de educação digital, incorporando, em acréscimo, modelos

de instituições de ensino em nuvem, bem como o domínio de soft skills para os docentes atuarem nessa nova realidade educacional.

Nesse sentido, constata-se o cenário de continuidade no aprofundamento da financeirização da educação, contudo, desviando a ênfase das transações, isto é, outrora concentrava-se nas instituições, passando-se a enfatizar nos recursos tecnológicos. Esse fenômeno decorre em severas implicações na formação dos sujeitos, no trabalho pedagógico e no acesso e permanência a educação. O ensino migrou das salas de aula para os aplicativos de videoconferências.

Referências

COLEMARX. **Em defesa da educação pública comprometida com a igualdade social** – porque os trabalhadores não devem aceitar aulas remotas. 2020.

LEHER, R.; VITTORIA, P.; MOTTA, V. Educação e mercantilização em meio à tormenta político-econômica do Brasil. **Germinal: Marxismo e Educação e Debates**, Salvador, v. 9, n. 1, 2017.

MOELLER, Kathryn. Accounting for the corporate: na analytic framework for understanding corporations in education. **Educational Researcher**, v. 20, n. 10, p. 1-9, 2020.

SLAUGHTER, S.; LESLIE, L. L. **Academic capitalism: politics, policies, and the entrepreneurial university**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.